

DINÂMICAS PARA O FILOSOFAR

Ana Maria Ferlin e Daisy Aparecida Corrêa Gomes [\(1\)](#)

RESUMO

A base da autonomia acontece na presença do outro, através do diálogo. Pensando nisso e preocupadas em oferecer ferramentas para o educador é que temos desenvolvido oficinas com dinâmicas, pois elas favorecem o filosofar, possibilitam ao profissional da educação infantil um espaço para ressignificar sua atuação e sua prática diante da reflexão e de vivências que o levem a experimentar o saber de si enquanto sujeito aberto ao diálogo e a novas aprendizagens.

A filosofia tem como objetivo aprimorar a capacidade de pensar dos alunos. Trabalha, de maneira dialógica, com conceitos considerados importantes para a vida humana e relevantes para o conhecimento humano, fornecendo questões que provocam controvérsia, questionamento e discussões.

Seu próprio método é também um conteúdo: a filosofia busca refletir sobre a própria reflexão trabalhando com a criança o processo, o ato de filosofar e as ferramentas do pensar... Busca promover a participação das crianças incentivando-as a perguntar, investigar, refletir e discutir as questões que lhe interessam.

Cabe ao professor conduzir bem essas discussões de forma que o diálogo seja otimizado, esperando que os alunos desenvolvam sua capacidade crítica e criativa, interiorizando-a de tal forma que saiba aplicá-la nas situações da vida cotidiana. Ao potencializar sua capacidade de raciocinar e compreender, espera-se que a criança possa ampliar sua atuação nas demais disciplinas, na participação do convívio social e na sua vida pessoal.

A proposta *Filosofia Para Crianças*, de Matthew Lipman, propõe-se a contextualizar as habilidades numa formação humanística mais ampla, partindo das experiências dos alunos - o que faz com que o caminho lhe seja significativo.

Um fator importante é a relação entre a educação e significado. Este não pode ser ensinado apenas; é preciso que cada um consiga descobri-lo, captá-lo e isso se dá através do pensar bem, através da reflexão.

Nesta perspectiva, o aluno passa a ser construtor de seu próprio conhecimento e o educador um facilitador desse processo. A idéia do conhecimento como algo construído e compartilhado sugere a integração dos novos saberes com os já adquiridos anteriormente, tornando a aprendizagem significativa.

Pensar envolve uma série de atos mentais - é de suma importância no processo ensino-aprendizagem melhorar as habilidades de pensamento. Quanto melhor a

capacidade de pensar, melhor a qualidade de aprendizagem; portanto, é preciso promover nos diálogos filosóficos a capacidade de pensar e pensar bem, isto é, de pensar de forma autônoma.

Não é nada fácil para o educador, devido a sua própria formação, lidar com este aluno que não aprende apenas mecanicamente, nem aceita tudo passivamente sabendo questionar as questões que lhe são relevantes, argumentar sobre elas. A base da autonomia, o pensar por si mesmo, acontece na presença do outro, através do diálogo - aprendizado pelo qual também o próprio educador deverá passar.

Pensando nisso e preocupadas em oferecer algumas ferramentas para esse educador no desempenho deste novo papel é que temos desenvolvido as oficinas com dinâmicas e pensamos que estas possam favorecer o filosofar, possibilitando ao profissional da educação infantil um espaço para ressignificar sua atuação e sua prática diante da reflexão e de vivências que o levem a experimentar o saber de si enquanto sujeito aberto ao diálogo e a novas aprendizagens.

O trabalho com os professores implica numa dinâmica de movimento, desenvolvendo seu potencial criador, fazendo com que nesse processo consiga fazer uma nova leitura de mundo e do próprio mundo da criança,

Sua inserção no processo de vivência abre novos caminhos e novas habilidades para lidar com a situação, não mais de protagonista, mas de orientador de todo o processo de aprendizagem.

O ser humano é um ser de possibilidades. Não nasce pronto. Deve construir seu ser, tornar-se pessoa. Essa tarefa de construção de si mesmo é o sentido fundamental da liberdade. Vai se tornando pessoa e construindo o seu ser através da ação. Precisa decidir que ações realizam o seu ser, que dão sentido ao seu existir e assumir a responsabilidade de organizar o seu modo de ser e de agir.

A interrogação fundamental é: o que devo fazer, como justifico o que faço?

A ação ética é uma decisão de foro íntimo, não carece de aprovação dos demais. Quando acreditamos nos nossos valores realmente não precisamos nem queremos aprovação nem o reconhecimento alheios. Eles passam a fazer parte de nós mesmos, passam a construir o nosso próprio ser e todas as ações decorrem de e para eles. (ZAGURI, 1997: 105)

Os professores em geral reclamam muito e centralizam uma grande preocupação na relação professor-aluno, em como ela acontece na sala de aula e com problemas de comportamento. Além disto, normalmente justificam suas feridas a partir das ações dos alunos e dirigem suas ações pela indisciplina discente, pois isto parece ser o que mais os incomoda atualmente. Uma grande quantidade de educadores ainda bem intencionados, embora não isentos de equívocos, lança mão de posturas e atitudes que fazem do cotidiano escolar um projeto de salvação, de correção, de melhoria do rumo das coisas e pessoas ordenadas em termos de

normas e regras disciplinares rígidas que determinam o que devem/ podem ou não fazer, as práticas que devem ser combatidas ou suprimidas; porém, em nenhum momento a criança participa dessas discussões e reflexões.

Na perspectiva da comunidade de investigação o educador propõe para que os alunos elaborem sugestões e hipóteses, ouvindo-os e respeitando-os numa construção coletiva; cria condições para que todos conheçam e assumam suas responsabilidades individuais a serviço do grupo. O diálogo é a essência deste processo.

É na troca de idéias que as pessoas têm a grande chance de estarem expondo suas idéias aos outros, de estarem escutando as idéias dos outros sobre o mesmo tema ou assunto, de estarem comparando as suas idéias com as dos outros e as dos outros entre si e de estarem a partir daí, podendo melhorar, completar ou mesmo modificar o que pensam ou, então, confirmar ainda mais seus pontos de vista. Costumamos dizer que, na situação de diálogo, as pessoas trocam, além de suas convicções, expressas em afirmações ou em seus argumentos, as suas razões relativas às próprias convicções. É nessas trocas de razões que as mesmas podem ficar mais fortalecidas, menos fortalecidas, ou até claramente frágeis e sem sustentação. (LORIERI; 35) [\(2\)](#)

No diálogo há liberdade de expressão, de escuta e entendimento; abre um espaço no qual ocorrem concordâncias ou discordâncias. Certamente o que se espera é que tanto educadores como educandos se abram a esta aprendizagem

O objetivo dessas nossas dinâmicas é, portanto, oportunizar ao educador um espaço de aprendizagem que nem sempre lhe é oferecido na instituição. Quanto mais consciência (e abertura) tiver o educador da construção do processo de aprendizagem, melhor a intervenção pedagógica para que esse processo aconteça. Querer crianças atentas, críticas e capazes de criar e construir pensamentos originais implica em dar condições para isso.

Conhecendo um pouco mais da construção do pensar e vivenciando ele mesmo essa experiência, este professor conseguirá planejar situações educativas que propiciem o pensar de forma autônoma, ativa e crítica.

Assim, estas dinâmicas podem constituir um novo enfoque na prática educativa tentando responder às exigências desafiadoras deste novo milênio. Desafios estes que podem ser definidos como necessidades de criar novas expressões, promover o diálogo e a consciência da capacidade criadora do indivíduo. A partir de suas expressões e reflexões, este indivíduo poderá atuar sobre o meio como agente de transformação.

Estas oficinas possibilitam a experiência no dinamismo da própria vida, pois nelas o indivíduo abre-se a vivências pessoais e coletivas, dispõe-se a novas reflexões e questionamentos e é impulsionado a novas tentativas através de um desempenho mais real e objetivo. Enfim, favorece a acolhida do homem como um todo:

- Mobilizando cada um a ser sujeito ativo da proposta do pensar, de forma autônoma para uma vida mais autônoma.
- Levando à conscientização de seus valores e potencialidades.
- Tornando cativante e significativa a aprendizagem.
- Abrindo novos horizontes e novas possibilidades de vida e de opção, transpondo obstáculos, encurtando distâncias, quebrando barreiras, sobretudo na comunicação.

Temos realizado este trabalho desde 1999, sensibilizando educadores para a importância e necessidade do mesmo. Apesar da aparente resistência momentânea, temos recebido retornos bastante positivos por parte dos que se dispuseram a esta experiência. Trabalhamos em duas com o objetivo de agilizar e organizar as atividades de uma forma mais didática, mas, sobretudo para que uma possa, durante o processo das oficinas, observar e registrar o maior número de dados e informações para um posterior feedback e análise do trabalho realizado, o que temos chamado de ego observador.

Podemos então considerar que:

- A experiência da dinâmica apresenta-se como recurso importante para ampliar a aprendizagem daquele que se relaciona com o outro e "aprende" a partir dessa relação.
- O educador reorganiza seus próprios projetos interiores e projetos facilitadores de uma aprendizagem mais dinâmica, significativa e dialógica. Parece compreender melhor e atuar nos vínculos presentes entre o "ato de ensinar" e a ação de aprender - processo de troca.
- Começa, a partir da resignificação de sua própria vida, a atuar não apenas com as crianças, mas junto aos demais profissionais da educação, numa metodologia enquanto busca de sentido, o que tem melhorado a qualidade da aprendizagem.
- Novos caminhos se juntam a novas possibilidades na descoberta de si mesmo e na descoberta de novos valores.

Onde há reflexão, há criatividade, há vida, dinamismo e movimento.

Nosso propósito tem sido sociabilizar com os demais educadores, o grande desafio: *viver de maneira livre e criativa*. Diante das experiências que vivenciamos na área da educação, sobretudo nas oficinas em atenção ao desenvolvimento do profissional da educação, percebemos grande carência no que se refere ao processo criador.

Uma educação repressora e inibidora parece não ter permitido um espaço voltado para a descoberta e o pensamento criativo em nossas instituições, onde o sujeito por sua vez, não encontra liberdade de expressão necessária para expor seus pensamentos, idéias e sugestões, ocasionando verdadeiro mal estar docente, refletidas na sua prática cotidiana.

Situações como esta nos levam, portanto, à tentativa de refletir sobre estas questões e organizar sugestões de técnicas e procedimentos que poderão contribuir para uma metodologia mais dialógica reduzindo os conflitos existentes no cotidiano escolar através da reflexão e da busca de sentidos para a própria existência. As oficinas, enquanto processo facilitador do diálogo, tornará o grupo mais dinâmico na busca de desenvolver sua própria criatividade, permitindo descobrir ou redescobrir seu jeito próprio de ensinar bem como de aprender. Cada pessoa que se reúne acaba confrontando seus padrões, comportamentos, respostas e buscas, sugerindo um estado de questionamento, para novos olhares, novas descobertas, nova postura diante de si e do outro, enfim, diante da própria vida.

Através das atividades lúdicas, associações, representações, lembranças, diálogos e reflexões, criamos através da oficina para o filosofar a possibilidade de desenvolver e aprofundar em nível considerável a própria percepção interna e as habilidades de pensamento.

Para ilustrar melhor em que consiste essas dinâmicas, tentaremos descrever pelo menos uma delas, deixando claro que o leitor passará por uma experiência diferente quando ele próprio puder vivenciá-la.

Objetivo: Trabalhar a observação como ponto de partida para o pensamento. Desenvolver a atenção, concentração e a interação no grupo

Desenvolvimento:

- Distribuir o grupo em duas ou mais fileiras de acordo com o tamanho do grupo.
- Uma fileira de frente para a outra com o mesmo número de participantes.
- Solicitar que observem com bastante atenção o (a) companheiro (a) que está à sua frente sem perder nenhum detalhe.
- Feita a observação solicitar que as fileiras fiquem de costas uma para a outra e em voz alta digam ao mesmo tempo tudo de que possam se lembrar.
- O facilitador pede para que troquem entre si apenas um objeto
- Feita a troca, as fileiras poderão voltar-se de frente ao companheiro (a) e, observando novamente, verbalizar o que foi mudado em seu companheiro.
- Repetir a atividade aumentando o número de elementos a serem mudados, atentos à faixa etária do grupo ou possibilidade de compreensão.

Com adultos podemos chegar a pedir até dez mudanças. Existirá por parte do grupo uma resistência a estas mudanças que serão verbalizadas durante a execução. Cabe ao facilitador e ao ego observador anotar todas as interferências para serem posteriormente colocadas em discussão.

Diante dos levantamentos feitos pelo grupo é que se iniciará o diálogo filosófico em cima de alguns temas, que será mediado pelo facilitador com perguntas que colaborem para o aprofundamento de uma discussão filosófica.

Por exemplo: - Quem não gostou da proposta de mudar algo em si?/ Pode esclarecer por quê?/ Que tipo de mudanças foram propostas? /Quando aumentou o números de mudanças como você se sentiu?/ Que saídas você encontrou para mudar X coisas?/ Como foi pensar nessas mudanças?/ O que são mudanças?/ Elas são necessárias? O que você acha?/ Quem conseguiu descobrir, ou não, as mudanças que foram feitas?/ Após a atividade realizada você continua pensando da mesma forma? Podemos relacionar essa atividade com a forma como temos nos relacionado com as pessoas? Que tipo de olhar temos lançado sobre o nosso aluno/ Estamos olhando ou estamos vendo? Olhar é diferente de ver?

Durante a discussão, o grupo vai percebendo que existiriam muitas outras possibilidades que pareciam inexistentes num primeiro momento. Percebe também as diferentes saídas que cada um pode encontrar, etc.

Para encerrar, queremos lembrar que todo processo de comunicação humana requer preparação progressiva e consciente, primeiro no ser pessoa e conseqüentemente no ser coletivo. Assim é o processo de discussão e diálogo no trabalho com a filosofia para criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LORIERI, M. A. *Comunidade de investigação: o diálogo*. Coleção Pensar- CBFC :<http://www.cbfc.com.br/biblioteca>.Pág.35

ZAGURY, T.1997. Revista de Educação -AEC- nº 103- pág.105-108.

KOHAN, W. O. *Filosofia para crianças: a tentativa pioneira de Matthew Lipman*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

(1) Daisy Aparecida Corrêa Gomes é Psicopedagoga, Orientadora Corporal, Responsável pelo programa Filosoteca - um lugar para brincar de pensar, na Rede Municipal de Ensino de Ribeirão Preto. Co-autora do livro *Gente Pequena Aprende brincando*.

Ana Maria Ferlin é Pedagoga, Orientadora Educacional, Co-autora do livro *Gente Pequena Aprende Brincando*.

(2) Lorieri, M. A. *Comunidade de investigação: o diálogo*. Coleção Pensar - CBFC <http://www.cbfc.com.br/biblioteca>. p. 35